

Agroecologia e conhecimentos tradicionais: história de mulheres que manejam plantas medicinais.

Agroecology and traditional knowledge: History of women who manage medicinal plants

PILLETTI, Edileuza A.¹; DE MELO, Meury da Silva²

¹ Instituto Federal do Pará – Campus Bragança, edileuza.pilletti@ifpa.edu.br

² Universidade Federal da São Carlos, meury@estudante.Ufscar.br

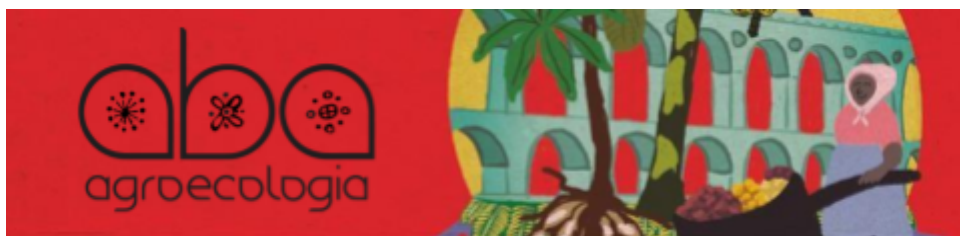
Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este estudo trata de Histórias de vidas de mulheres agricultoras que utilizam plantas medicinais, cujo objetivo foi descrever o conhecimento e as práticas locais de manejo das plantas medicinais pelas mulheres da microrregião Bragantina, visando compreender as relações quanto ao cuidado da saúde numa perspectiva geracional. O método de história de vida participa da metodologia qualitativa, de cunho biográfico na qual a relação estabelecida entre pesquisador é de confiança mútua. Foram realizadas entrevistas com 3 mulheres chave, para propiciar as narrativas individuais da construção de seus saberes e práticas de manejo. Para o campo agroecológico é fundamental conhecer as raízes culturais de modos de vida que possam contribuir na valorização, reconhecimento e, consequente fortalecimento de saberes academicamente dominados e hierarquizados. Constatou-se que as mulheres persistem no trabalho da produção de remédios caseiros na resistência de manter os saberes de seus antepassados e promover a saúde na sua comunidade; o uso das plantas medicinais tem relação direta com o acesso deficitário às políticas de saúde; torna-se necessário que esta prática receba atenção dos gestores de saúde pública para garantir o uso de modo seguro para essas populações, especialmente nas áreas rurais mais distantes onde a preferência por essa forma de tratamento é predominantemente.

Palavras-chave: história de vida; agroecologia; saúde.

Introdução

As plantas medicinais na região amazônica são o principal meio de tratamento de doenças para a maioria das populações, seja por causa de influência cultural seja causa de ausência de políticas de atenção à saúde ou por causa do custo dos produtos farmacêuticos. Considerando que o uso das plantas medicinais está presente na atualidade, significa que o processo de aprendizado geracional é um fato. São fontes de conteúdo, princípios e valores que precisam ser estudados, compreendidos num diálogo cultural presente nestas vivências que podem apontar elementos sobre a forma de organização social e relacionamento com a natureza. Há trabalhos sobre as mulheres da Amazônia que estimulam novas pesquisas na área (Costa, 2005; Caldas, 2005; Matos, 1999). A relação entre gênero, conhecimento e saúde parte de uma questão específica, principalmente se tratando de Amazônia se levamos em consideração a carência de políticas de saúde e/ou políticas que considerem as questões de gênero. De acordo com estudo de Monteiro (2011) e Chagas (2012), a flora brasileira é diversa, tendo a Amazônia como maior reserva de produtos naturais com poder fitoterápico do planeta e as mulheres estão à frente da exploração e manejo dessa flora com propriedades



medicinais.

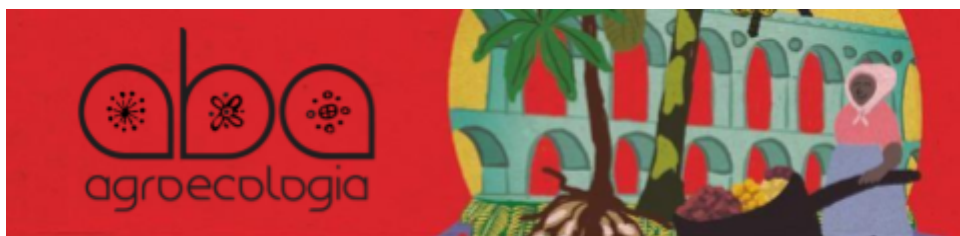
Há o diálogo com a agroecologia, ciência que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura envolvidos com contextos socioecológicos específicos. Não se trata de um modelo nem uma forma ou estilo particular de agricultura, mas de um referencial teórico, que ganha caráter concreto quando aplicado à realidade socioeconômica e ecológica local. A agroecologia está apoiada nas práticas e métodos tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas contribuindo, dessa forma, com a valorização dos recursos locais e, conseqüentemente, na sua evolução como ciência se dá quando são criadas condições favoráveis para o diálogo e a troca de experiências e saberes (Altieri, 2000).

O trabalho envolveu 03 mulheres da região bragantina no nordeste paraense, que manejam plantas medicinais. É fato que as mulheres estão presentes em todas as atividades desenvolvidas nas comunidades desse imenso território amazônico. Porém, as contribuições das mulheres não são reconhecidas num campo fundamental para a vida humana: o cuidado com a saúde (Siliprandi, 2015).

Maneschy (2012) vêm se refletindo em torno das relações entre gênero e sua contribuição para o desenvolvimento local, indicando que estudos a partir dos anos 1980 se preocuparam em dar visibilidade à contribuição das mulheres. Outros estudos evidenciaram como as mulheres costumam combinar diferentes tipos de atividades, às dimensões culturais e simbólicas que marcam seus espaços e atribuições (Woortman, 2007).

Metodologia

Estudo de abordagem qualitativa com a história de Vida na qual o pesquisador escuta, por meio de entrevistas não diretivas, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. A relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Lévy (2001) diz que na história de vida é construção de conhecimento que ocorre numa relação dialógica entre pesquisador e sujeito participante da pesquisa que narra a história de uma dimensão de sua vida. Nas palavras de Lévy (2001, p.93) "...um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele - encontro que, também ele, tem sua história própria". O uso da História de Vida compreende processos de aprendizagens e transmissão de saberes nos diversos contextos da formação da vida, não são reflexões somente como técnica-instrumental, própria da racionalidade-técnica-científica, mas, como espaço de reflexão sobre a própria aprendizagem ao longo da vida. (Anjos; 2009; Ribeiro, 2009, p. 165)). Ribeiro diz "Retomar as experiências é uma forma de se colocar criticamente no interior da coletividade [...]". A partir das narrativas das mulheres e suas práticas cotidianas com ervas medicinais se reflete cada história individual numa história coletiva. Escutamos 03 mulheres da região bragantina no nordeste paraense, distribuídas entre os municípios de Augusto Correa, Bragança e Tracuateua, que manejam plantas medicinais. Usamos a entrevista semiestruturada que focou no conhecimento individual, tendo um roteiro utilizado a fim de obter as suas narrativas sobre o manejo e uso das plantas medicinais.



O resgate de conhecimentos das populações tradicionais, os exemplos de manejo sustentável dos recursos naturais e os sistemas de produção com base nos princípios da agroecologia devem ser incentivados. A agroecologia se constrói apoiada na valorização dos recursos locais e nas práticas e métodos tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas, e sua evolução como ciência se dá quando são criadas condições favoráveis para o diálogo e a troca de experiências e saberes.

Resultados e Discussão

Para o estudo buscamos mulheres que representasse o seu município, indicada pela população da comunidade de origem, ter o domínio do conhecimento de seleção das plantas, acompanhando as atividades de acordo com a disponibilidade e preferência de cada uma, tendo-se o cuidado que elas estivessem à vontade em suas rotinas. Informamos que nas transcrições das narrativas respeitamos o axioma antropológico defendido por Patton (2002) citado por Terrence e Filho (2006) o qual afirma que só entenderemos outra cultura se entendermos a linguagem interna à ela. Por isso, os trechos das entrevistas que estão em citação direta, reproduzem o linguajar usado pelas entrevistadas, *"ipsis litteris"*.

Narrativa 1 - Em Augusto Corrêa começou na vivência com dona Luíza Gonzaga Sousa do Rosário, da comunidade Buçú, município de Augusto Corrêa. Com seus 92 anos ainda tem paixão pelo cultivo e uso das plantas medicinais que aprendeu com sua mãe desde a infância.

Eu plantava tudo que era qualidade de planta de remédio, tinha meus canteiro, minhas horta, num fartava, eu ia pra roça, mas zelava das minhas planta, na hora duma pricisão o que purcurava tinha;

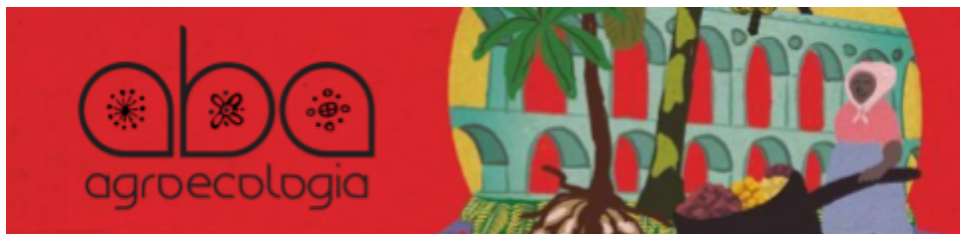
Sua maior satisfação era o cultivo das plantas medicinais, ficou conhecida como a Luíza das plantas de remédio, rico em diversidade atraía muitas pessoas que pediam as plantas para fazer chá, banho, ou outro remédio, ela sempre atendeu aos pedidos com muito amor e carinho. Informa que mesmo sem receber nenhum centavo jamais se recusou a ajudar quem precisava e recorria a ela independente do dia, da hora ou lugar. Ensina remédios para curar várias doenças, mas era muito requisitada no cuidado da saúde das crianças.

hoje não dou mais conta, tá tudo desprezado e ninguém quer cuidar de nada, ninguém quer cuidar das minha plantinha, quando precisa de carquer coisa é aquela peleja.

Lamenta pelo "desprezo" dos jovens aos idosos, acreditando que há muitas perdas pela falta de interesse em aprender o que eles (idosos) poderiam ensinar. Dona Luiza afirma que as pessoas vão continuar precisando de ajuda e procurando as plantas medicinais como alternativa de cura para suas enfermidades, recorda que sempre foi assim desde o tempo de seus avós e que essa necessidade sempre vai existir. Sente alegria quando ajudava aliviar o sofrimento de alguém. Porém, chora dizendo *"não gosto nem de sair no quintal, tá tudo desprezado, abandonado, mas quando eu morrer vão sentir munta farta"*.

Acompanhemos mais um trecho das suas fascinantes histórias:

eu fez parto da Antônia era duas criança só duma barrigada, mas nós num sabia, primeiro nasceu o menino e de pé, eu num achei bonito não a criança nascer de pé, e é munto sofrimento, é só pra quem tem corage de pegar uma criança que vem ao mundo desse jeito, e quando chegou bem assim o bracinho ficou engatado, aí eu fui lutar, e com luta nasceu tudo, eu butei inriba dum pano, e fui puxar a barriga dela, ela disse que tava doendo munto, eu sacudi ela pelas cadeira na minha frente, mexi na barriga dela, eu tava desconfiada que



era outra criança, comecei ajeitar e a menina encaminhou e nasceu, bem dizer morta, aí eu dipindurei pelo pé, dei umas parmadinha mais num chorou, o que eu avera de fazer? Arrivirei, butei de bruço e foi que ela chorou, deu dois chorinho ué, ué, foi o jeito eu sacudi a menina, aí foi que ela chorou grande. Cortei o umbigo amarrei. Aí eu disse pra outra assistente ajeita esse daí que eu vou ajeitar essa daqui, amanhã nos banha, e ainda tinha a parida pra dar conta.

Além de ter aprendido como cuidar das plantas e fazer os remédios, aprendeu também fazer partos. É lavradora, parteira, e mesmo sendo analfabeta, é detentora de importantes conhecimentos. Dentre os tantos partos que fez relata que os piores foram de gêmeos e de crianças que nascem em pé. Porém, sua habilidade era tão grande que ela fazia seus próprios partos!

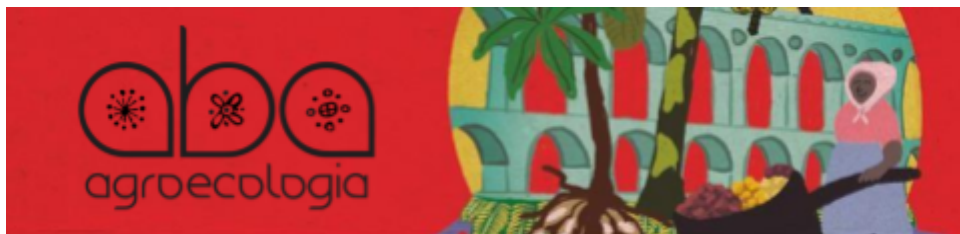
Narrativa 2 - Em Bragança ouvimos dona Luzia Silveira Jesus de Almeida, moradora de Chumucuí km 04 da Colônia do Montenegro, 87 anos e celebra os 35 anos que ajuda as pessoas da sua comunidade e circunvizinhas. Não escolarizada, lavradora, parteira e benzedeira, fazer partos como uma profissão é sua especialidade. Aprendeu desde cedo com sua mãe a reconhecer as plantas, examinar grávidas e fazer parto, é conhecida por sua disponibilidade para atender as famílias que davam preferência aos seus cuidados, independente do parentesco ou classe social sem se importar com a hora, a estação ou a distância. Não costuma cobrar pelo que faz, mas diz:

Tem aqueles que sabe que a gente ar de precisar de alguma coisa, né? Nem toda vida a gente ganha, mas aqui acolá um se lembra de dar um agrado, as vezes é um objeto ou mermo um produto, quando não um dinheirinho, é razão de cinco, dez, vinte real, tem muitas vez da gente num pregar o zói a noite todinha, então aquele que dar eu aceito, a gente tem precisão, num tem?

Nascimento et al. (2015) demonstrou que não são consideradas produtivas as atividades femininas de cuidar do quintal da casa que abrange a criação e o cultivo de plantas tanto para o consumo alimentar quanto para o cuidado com a saúde. As mulheres rurais sofrem discriminação de forma direta no âmbito da geração de renda, não são consideradas geradoras de renda para a unidade familiar.

D. Luzia é integrante do Grupo de Parteiras do seu município, orienta sobre a importância de realizar o pré-natal, mas grávidas não dispensam seus cuidados. Considera ter pouca experiência com as plantas medicinais, com o pouco que sabe ajuda muita gente, gosta de plantar para poder dar as pessoas que procuram, cultiva suas plantas em canteiro suspenso, vasos e no quintal de sua casa. Sente tristeza por não ter ninguém da família com interesse de aprender o que ela sabe, como ela aprendeu de sua mãe, acredita que logo vai morrer e seus netos vão sofrer mais, porque é muito difícil ser atendido no hospital. Lembra com saudade de sua avó mãe, e de como ela e seus irmãos tinham saúde, e de como criou seus filhos sadios sem precisar estar todo tempo atrás de médico ou comprando medicamentos na farmácia.

Narrativa 3 - Em Tracuateua o convívio com dona Maria Almir Moura, mora na localidade Vila Nova, no ramal do Anoirá dos Gamas, no município de Traquateua, casada e mãe de dois filhos e duas filhas. É lavradora, criada na roça de mandioca, sempre demonstrando apreciação pelo cultivo das plantas medicinais. Desde a infância conviveu com essa prática ajudando sua avó cuidar dos canteiros com quem aprendeu a reconhecer e usar muitas plantas e posteriormente com sua mãe,



que era parteira, benzedeira e ensinava remédio. Conviveu com um curandeiro indígena que observava seu interesse pelo universo da cura pela natureza e lhe repassou alguns segredos do uso das plantas e o respeito pela floresta. Trabalhou como voluntária por vários anos na pastoral da criança e da saúde em sua comunidade. Afirma que foram oportunidades que serviram para lhe dar experiência, fez cursos a fim de aprimorar seus conhecimentos. Atende pessoas que buscam a cura de doenças pelas plantas, seu trabalho tem sido propagado pelos próprios clientes pela qualidade e eficácia dos remédios.

É um grande desafio continuar esse trabalho, mas os remédios caseiros não devem ser esquecidos, eles são capazes de curar muitas doenças. Há tanta gente que precisa e vai continuar precisando dessa alternativa, temos que dar mais valor e prioridade como era no passado (...)

O atendimento é gratuito, mas o remédio tem um custo que varia de R\$ 5,00 à 35,00 reais. Para organização da 'farmácia viva' como gosta que seja chamado seu horto, são utilizados materiais que se transformariam em entulhos na propriedade, como forno de torrar farinha, latas, garrafas, vidros, pneus, caixas, carro de mão e troncos, são reutilizados e dão beleza ao horto nas formas de coração, cálice, vaso, cruz, caminho, flor, taça, cada formato com seu significado. Muitas vezes já pensou em parar, mas acredita que a população precisa dos seus serviços e diz:

(...) a população ainda enfrenta grandes problemas pela escassez de médico e medicamento; tem muita gente doente e porque não dizer morrendo nas filas do SUS, ou mesmo sem conhecer o seu direito de acessar esse sistema, que ainda não é nem único para alguns.

De acordo com sua narrativa, algumas vendem sua produção de ervas e remédios caseiros de casa em casa, nas feiras do município ou participam de eventos agroecológicos nos quais aproveitam para também vender seus produtos. Sua experiência demonstra que as mulheres e as crianças são o público que mais faz uso desses remédios, e o público masculino tem crescido consideravelmente.

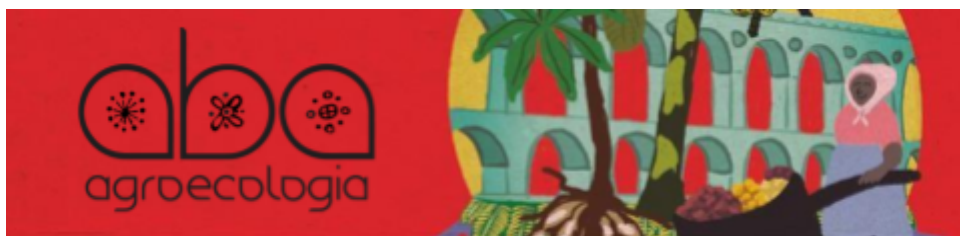
Conclusões

Foi possível perceber que as plantas medicinais são significativas para as populações rurais dos municípios estudados. Ficou evidente que o uso dessas plantas ainda é uma grande necessidade para algumas populações, embora hoje poucas pessoas conhecem suas propriedades terapêuticas.

Observou-se que os Conhecimentos Ecológicos Locais são fundamentais para garantir a continuidade destes saberes. Descrever aspectos desse conhecimento, saberes e práticas de manejo das plantas empregadas pelas mulheres está ligado complexo formado pelos conhecimentos, práticas e valores. A prática empírica no uso de plantas medicinais é transferida culturalmente pelas pessoas mais idosas e significativas, como as mães, nas comunidades rurais, concordando com as literaturas pesquisadas. Porém, nem sempre os conhecimentos concordam quanto ao uso e aplicabilidade, o que leva os autores a afirmar a necessidade de um melhor esclarecimento sobre o uso correto dessas plantas, possibilitando-se, desta forma, uma utilização mais adequada.

Referências bibliográficas

ANJOS, Maura Pereira dos. HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES: ELEMENTOS PARA



FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, Sergipe, 20 a 22 de setembro de 2012.

ALTIERI, Miguel, **agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável** / Miguel Altieri. --3. ed. rev. Ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012.

CHAGAS, Jolemia Cristina Nascimento das; **Caracterização do cultivo de plantas medicinais, aromáticas e condimentares em duas comunidades amazônicas**. Manaus: UFMA, 2012.

COSTA et al. **Uso de plantas medicinais e fitoterápicos na atenção primária à saúde: uma revisão integrativa**. Revista eletrônica acervo saúde, (26), e828. <https://doi.org/10.25248/reas.e828.2019> – ISSN:2178-2091

Lévy, A. (2001). **Ciências Clínicas e Organizações Sociais**. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D. e ÁLVARES, M.L.M. **Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento**. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(3): 384, set/dez 2012.

MONTEIRO, Maurícia Melo. **Papel das plantas medicinais na questão de gênero dentre as mulheres- erveiras do Erva Vida Sossego/ Marudá / Marapanim**. Belém (PA). 2011.

NASIMENTO et al. **Análise regional das formas de ocupações e dos rendimentos das mulheres e homens nas áreas rurais do Sul do Brasil na primeira década do século XXI – IN: Desenvolvimento Rural e Gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas** / Organizadores Jefferson Andronio Raimundo Staduto, Marcelino de Souza., Carlos Alves do Nascimento. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2015. 348 p.

SILIPRANDI, Ema. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, Antônio Waldeir Oliveira da; **Conhecimento tradicional, cooperativismo agroecológico e o bem viver de agricultoras e agricultores familiares em Primavera (PA)**. Bragança, 2018.

WOORTMAN, Ellen. **“Câmbios de tempo y espacio/câmbios sociales, bajo el impacto de la modernización”**. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 2, p. 240, maio/ago. 2007.